



## A ADULTEZ EMERGENTE NA TRANSIÇÃO DA VIDA ESCOLAR PARA A UNIVERSITÁRIA: PERSPECTIVAS DE MULHERES RECÉM INGRESSAS NA GRADUAÇÃO

EDAD ADULTA EMERGENTE EN LA TRANSICIÓN DE LA VIDA ESCUELA A UNIVERSITARIA: PERSPECTIVAS DE MUJERES RECIENTEMENTE INGRESAS A LA GRADUACIÓN

Isabele Menezes Gonçalves  
Gabriela Oliveira Cattebeke  
Gisele Cristina Resende<sup>1</sup>

### RESUMO

Devido a escassez de análises sobre as dimensões da adultez emergente em contexto brasileiro, esse estudo tem como objetivo identificar e analisar os aspectos desse processo durante a transição do ensino médio para o ensino superior, compreendendo seus efeitos nas seguintes perspectivas: entre o meio escolar e o acadêmico; das relações interpessoais; e da identificação pessoal. A adultez emergente refere-se a um período no desenvolvimento humano marcado pela experimentação de possibilidades e novas descobertas, mas também pelas dificuldades em várias condições da vida desses jovens. Observando que, além das expectativas profissionais, outras pressões sociais e pessoais são impostas às mulheres, destacando a necessidade de avaliar o estado emocional e as expectativas de jovens universitárias no início de uma vida adulta. O delineamento metodológico utilizado foi o recorte transversal e qualitativo, baseado em entrevistas narrativas semi-estruturadas com vistas a compreender os aspectos da adultez emergente a partir das vivências de duas recém-graduandas no ensino superior na Amazônia. A análise dos dados coletados ocorreu por meio da Análise Temática. Por fim, a partir das narrativas, verificou-se a necessidade de adaptação por uma rotina mais independente na vida pessoal e na universidade, objetivando maior exploração das possibilidades que a universidade proporciona às estudantes.

**Palavras-chaves:** Adultez emergente; Mulheres no ensino superior; Transição para a vida adulta.

### ABSTRACT

Due to the scarcity of analyzes on the dimensions of emerging adulthood in the Brazilian context, this study aims to identify and analyze the aspects of this process during the transition from high school to higher education, understanding its effects on the following perspectives: between the school and the school the academic; of interpersonal relationships; and personal identification. Emerging adulthood refers to a period in human development marked by experimenting with possibilities and new discoveries, but also by the difficulties under various conditions of the lives of these young people. Noting that in addition to professional expectations, other social and personal pressures are imposed on women, highlighting the need to evaluate the emotional state and expectations of university youth at the beginning of an adulthood. The methodological design used was the cross-sectional and qualitative clipping, based on semi-structured narrative interviews to understand the aspects of emerging adult from the experiences of two newly grassroots in higher education in the Amazon. The analysis of the collected data occurred through thematic analysis. Finally, from the narratives, there was the need for adaptation by a more independent routine in personal and university, aiming at greater exploitation of the possibilities that the university provides to students.

**Key-words:** Emerging adulthood; Women in higher education; Transition to life Adult.

---

<sup>1</sup> E-mail para contato: [giseleresende@ufam.edu.br](mailto:giseleresende@ufam.edu.br), [gabriela.cattebeke@ufam.edu.br](mailto:gabriela.cattebeke@ufam.edu.br)  
Faculdade de Psicologia - Programa de Pós-Graduação em Psicologia  
Universidade Federal do Amazonas - UFAM



## INTRODUÇÃO

A passagem do ensino fundamental para o ensino médio acarreta alterações na rotina, ocasionando mudanças que exigem maior autonomia e dedicação integral devido ao estímulo competitivo e expectativas colocadas sobre a construção de um “futuro promissor” (Braga, 2024). Dentro do ambiente escolar, é ditado aos estudantes um caminho específico para alcançar um objetivo em comum: a pontuação necessária no vestibular para o curso desejado, cujo processo de escolha pode ter tido influência de pais ou professores. Durante os três anos de ensino médio, há regras impostas por terceiros a serem seguidas, entretanto quando se adentra na universidade, o aluno passa a moldar ele mesmo seu próprio objetivo e caminho para tal, ocasionando outra vez em novas mudanças.

A transição ao adentrar em uma universidade seguida do ensino escolar pode ser um período desafiador, considerando que o indivíduo que até uns meses antes é considerado como adolescente, de repente precisa assumir responsabilidades e adquirir a independência que é necessária para a vida adulta, diante das expectativas construídas pela sociedade de atingir o sucesso acadêmico e profissional. Na população universitária, é de fundamental importância que os hábitos de vida sejam percebidos, já que os universitários se encontram em processo de formação para desenvolver projetos de vida profissional e pessoal (Mendonça, 2019); uma vez que ensino superior possui uma dinâmica que vai exigir uma série de responsabilidades até então não experimentada na trajetória escolar pregressa, portanto, mudanças nos hábitos de vida são esperadas para fazer frente às novas exigências (Muniz e Garrido, 2021). Devido a tal processo, para muitas pessoas, o contexto universitário pode ser a primeira oportunidade de contato com ideias conflitantes e de processar todas essas novas informações por conta própria (Felinto, 2020), ou seja, além da responsabilidade, o jovem desenvolve novas perspectivas sobre si mesmo e o meio que o engloba, principalmente dado à experimentação de possibilidades.

No estudo de Dazzani e Marsico (2022), *Desigualdade social, adulez emergente e saúde mental: uma análise a partir de um caso clínico atendido em um projeto de acolhimento psicológico*, é ofertada uma perspectiva qualitativa, dialogando com a psicologia clínica, sobre o fenômeno da desigualdade social na sua relação com a saúde mental de jovens adultos, utilizando o conceito da adulez emergente. A adulez emergente refere-se a um período especial no desenvolvimento humano, e que tem sido objeto de estudo das ciências clínicas e



desenvolvimentais, é a adulez emergente, que compreende o período de 18 a 30 anos de idade (Dazzani e Marsico, 2022). Este é um período do ciclo vital suscetível à ocorrência de comprometimentos na saúde mental, visto ser um período de extensão simbólica da adolescência, de descobertas, mas também de dificuldades em várias dimensões da vida (Dazzani e Marsico, 2022). A pesquisa também observou que nos jovens adultos há necessidade de um aperfeiçoamento profissional e/ou acadêmico contínuo e, conseqüentemente, prolongando a relação de dependência financeira com os pais e/ou responsáveis, em virtude de aspectos relacionados ao modo de vida contemporâneo, a sociedade capitalista e o mercado de trabalho que está cada vez mais exigente.

Existem diferenças nas políticas institucionais, sociais e econômicas dos diferentes países que levam à heterogeneidade nas trajetórias de transição para a vida adulta, indicando a necessidade de inserir nas análises de marcadores de adulez emergente, de acordo com o contexto (Freire, 2018). No Brasil, contudo, são poucos os estudos que procuram investigar variáveis individuais e contextuais que podem influenciar positivamente o desenvolvimento dessas crenças de autoeficácia de jovens, incluindo um leque mais diversificado de papéis adultos (Leme, 2021). No estudo de Leme (2021), concluiu-se que o desenvolvimento dos jovens adultos é multideterminado, complexo e que a sua análise exige que se leve em consideração um olhar sistêmico e dinâmico, de modo a incluir as diversas redes de relações que caracterizam os contextos socioculturais diversos. No contexto da adulez emergente, os jovens adultos podem vivenciar incertezas e instabilidades sobre o futuro em meio à pressão social de serem trabalhadores bem sucedidos, a despeito do contexto econômico de dificuldades de inserção no mercado de trabalho (Dazzani e Marsico, 2022).

Para o presente estudo foram escolhidas duas graduandas do terceiro período de Psicologia, ou seja, ambas com experiência de aproximadamente um ano de curso após a saída do ensino médio e o ingresso na universidade. Nos dias atuais, há um maior predomínio da atuação feminina nos anos iniciais de educação (a partir da década de 1920) em detrimento da educação profissional composta pelo ensino médio e superior (Souza e Hein, 2024). Ao incluirmos mulheres para a pesquisa, é possível ponderar que além das expectativas externas impostas relacionadas a uma carreira, há outras pressões sociais a serem consideradas ainda presentes na contemporaneidade, pondera-se sobre a necessidade de avaliar o estado emocional e as expectativas de jovens universitárias a respeito dessas questões em meio a essa nova



realidade que vivem, do início de uma vida adulta em um ambiente acadêmico, em conversação com a realidade de suas vidas pessoais.

A relevância desse estudo encontra-se pela observação da insuficiência de pesquisas sobre as dimensões da adultez emergente em contexto brasileiro. Nesse sentido, o presente estudo tem como objetivo identificar e analisar os aspectos da adultez emergente durante a transição para a vida universitária, por meio de entrevistas semiestruturadas narrativas de jovens recém ingressadas no ensino superior, e compreender seus efeitos nas seguintes perspectivas: entre o meio escolar e o acadêmico; das relações interpessoais; e da identificação pessoal.

## **MÉTODO**

O presente estudo é parte do projeto “Significados das trajetórias de escolarização de jovens estudantes Amazônidas”, apoiado pelo Programa Nacional de Cooperação Acadêmica na Amazônia – PROCAD Amazônia e pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES/Brasil e do Estudo apoiado pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas FAPEAM – EDITAL Nº 005/2022 - HUMANITAS – CT&I FAPEAM pelo projeto: “Itinerários e condições de desenvolvimento de jovens estudantes do ensino superior: desafios para a permanência”.

Para o seu delineamento foi utilizado o recorte transversal qualitativo baseado em entrevistas narrativas com vistas a compreender os aspectos da adultez emergente de recém graduandas no ensino superior.

A pesquisa foi desenvolvida no âmbito de uma instituição pública de ensino superior no estado do Amazonas. Os participantes foram selecionados a partir dos seguintes critérios de inclusão: a) ser mulher; b) estar regularmente matriculada no terceiro período na instituição; c) concordar com a participação mediante assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

## **Participantes**

Joana (nome fictício) é uma mulher, de 19 anos, estudante universitária do curso de Psicologia da UFAM. Identificou-se como uma pessoa parda, do gênero feminino e de orientação heterossexual.



Márcia (nome fictício) é uma mulher, de 18 anos, estudante universitária do curso de Psicologia da UFAM. Identificou-se como uma pessoa parda, do gênero feminino e de orientação bissexual e demisssexual.

### **Procedimentos de construção dos dados**

Foram realizadas entrevistas semi estruturadas na modalidade individual e presencial após a assinatura do TCLE, realizadas em junho de 2024. Para a compreensão da pergunta de pesquisa foi utilizada a técnica de entrevista narrativa como ferramenta discursiva que possibilita a organização e descrição de experiências singulares de cada sujeito com o próprio significado (Rubio-Jiménez e González, 2018). De igual modo, na estrutura narrativa existem o contexto - produzido na interação - e os acontecimentos, que podem ser sequenciais ou não, permitindo ao narrador transitar entre o presente, as interpretações do passado e do futuro. Dessa forma, as narrativas são explicações das ações humanas produzidas nas vivências do cotidiano a partir das identificações pessoais e sociais, nas interpretações de si, do outro e do mundo. Assim, essa ferramenta possibilita a observação da dinâmica entre individual e coletivo, continuidade e descontinuidade nas histórias pessoais perpassadas pelas experiências, transformações e significados ao serem sistematizadas em trajetórias específicas narradas pelo participante (Barbato et al., 2020). As perguntas motivadoras usadas na investigação foram: “Quais são as principais mudanças que você percebeu ao ingressar no ensino superior em relação ao ensino escolar?”, “Você já se considera adulto?” e “Como está sendo a transição da adolescência para a adultez?”. Durante as entrevistas, outras perguntas foram inseridas para obtenção de dados.

### **Procedimentos de análise dos dados e aspectos éticos**

Os dados construídos a partir da narrativa dos participantes do estudo foram analisados através da Análise Temática (AT) (Braun e Clarke, 2017). A escolha pela AT deu-se com vistas a produzir uma compreensão qualitativa aprofundada e pautada na identificação, análise, interpretação e aproximação das temáticas presentes nos discursos dos participantes (Souza, 2019). Conforme destaca Souza (2019), os autores propõem que a Análise Temática seja estruturada em seis etapas: 1) familiarização com os dados (fase inicial de contato prévio e leitura imersiva dos materiais construídos a partir das narrativas); 2) geração de códigos (etapa



de elaboração inicial de códigos de identificação dos dados); 3) busca de temas (fase de classificação dos códigos elaborados para a construção de temas potenciais); 4) revisão de temas (etapa em que os temas elaborados são refinados); 5) definição e nomeação dos temas (fase de identificação do ponto essencial dos temas para elaboração de nomes); 6) produção de relatório (etapa final de escrita e elaboração da apresentação das análises realizadas para comunicação científica).

No que concerne aos aspectos éticos, o projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da UFAM (CAEE 15366619.1.1001.5020) e integra o Projeto PROCAD “Trajetórias de Escolarização de Jovens Estudantes Amazônidas”. Foi desenvolvido com base nas Diretrizes e Normas Regulamentadoras de Pesquisa Envolvendo Seres Humanos, do Conselho Nacional de Saúde, Resolução 466/12, conforme as exigências éticas e científicas fundamentais: Comitê de Ética e Pesquisa, TCLE, confidencialidade e a privacidade dos dados.

## RESULTADOS E DISCUSSÕES

Nesta repartição serão apresentados os resultados das análises das entrevistas narrativas semiestruturadas das universitárias Joana e Márcia. Para melhor entendimento dos conteúdos evidenciados nos discursos, verificou-se a relevância da divisão destes em três categorias: perspectivas entre o meio escolar e o meio acadêmico, perspectivas das relações interpessoais e perspectivas da identificação pessoal.

### **Perspectivas Entre o Meio Escolar e o Acadêmico**

O ingresso na Universidade logo após o término da etapa escolar traz consigo não somente uma carga nova de conteúdo a ser estudado, mas também marca uma mudança brusca na vida de jovens quanto à urgência de assumir novas responsabilidades, ao mesmo tempo em que vivem uma busca por independência, por equilíbrio em seus relacionamentos, e sua própria identidade e lugar no mundo. Conforme citado por Dias et al. (2019) situações típicas desse período de transição envolvem alterações nas redes de amizade, exigências sociais de maior autonomia, dificuldades em lidar com ausência de afeto, necessidade de constante aprovação dos pares, cobranças pelo bom desempenho acadêmico e outras demandas.





Uma divergência notória entre o ambiente escolar e o acadêmico seria o modo em que se dão as cobranças quanto a realização e desempenho de atividades, e por quem elas são feitas. Na seguinte narrativa é possível detectar a percepção de tal diferença pela entrevistada:

*“eu sinto que a cobrança, tipo, ela vinha mais de fora (...) os professores exigiam mais, os professores estavam ali o tempo todo(...) era uma pressão maior pra gente tá ali na escola e fazer nossas atividades da escola. Agora no ensino superior, é diferente porque a cobrança, ela vem inteiramente de mim, é algo que só cabe a mim sabe? (...) então eu tenho que tá ali vendo o que eu tenho que fazer, quais são os prazos, em qual hora eu tenho que comparecer como vou distribuir o meu tempo entre todas as minhas atividades... É... Isso é, assim, o que eu mais percebo de diferente, a questão da cobrança que antes ela vinha muito de fora, e agora ela vem de dentro.” [Márcia, 18].*

Verifica-se então que o ambiente acadêmico em comparação ao escolar, requer do estudante iniciativa para o aprimoramento do nível de autonomia a respeito da inserção e execução das atividades necessárias para se graduar, e para uma experiência favorável em sua formação. A princípio, apesar de que essa repentina mudança, ainda de acordo com Dias et al. (2019), pode gerar ansiedade, competição e incertezas em relação a escolha profissional, para Felinto et al. (2020) é possível enxergar a universidade como um novo campo no qual o indivíduo pode experimentar e testar seus próprios interesses, fazendo escolhas por conta própria, que contribuem para a construção de sua independência pessoal.

É identificável a contribuição da universidade durante esse período de experimentação na narrativa a seguir:

*“o primeiro (...) foi um período muito legal porque a gente tava conhecendo pessoas novas (...) conhecendo essas possibilidades novas. Então acho que era realmente a gente entrando num universo muito desconhecido e o primeiro período foi ver esse leque de possibilidades que a gente tinha na universidade, do que a universidade pode oferecer pra gente.” [Joana, 19].*



Felinto et al. (2020) aborda que o adulto emergente se encontra em uma situação de vida que permite explorar variadas possibilidades identitárias nas mais diversas áreas da experiência humana. Ponderando sobre esse conteúdo e a fala da estudante, se torna possível argumentar que a universidade é um ambiente que proporciona ao discente uma série de cenários para experimentação que, ao contrário da escola na qual boa parte das atividades a serem executadas são ditadas por terceiros, cabe ao estudante manejar a edificação da sua formação.

Além do cumprimento com a grade curricular e a gama de projetos disponíveis para tentativa de participação que podem ser escolhidas a dedo pelo estudante, a universidade também oferta espaços para atividades físicas e discussão de interesses que também podem cooperar com essa fase de descoberta do indivíduo jovem, como grupos esportivos e de estudos por exemplo. Tendo em vista a mudança de hábitos que a vivência universitária traz, se verifica a relevância dessas atividades nesse ambiente como fator contribuinte ao combate ao estresse que essa transição carrega.

Na narrativa subsequente, a estudante relata sobre sua reinserção na vida esportiva proporcionada pela universidade:

*“acho que o que tá mudando muito tá sendo eu tentar me inserir mesmo na faculdade e sair um pouco sei lá da bolha da minha sala. Agora que eu tô conhecendo outros períodos, outras atividades. Por exemplo, eu faço basquete (...) me possibilitou ter amigas de outros cursos, é... pessoas que eu realmente falo quase todo dia. Essa comunidade do basquete a gente joga toda semana, então, são amigas muito legais que a gente gosta de algo em comum (...) o esporte sempre se fez muito presente e por conta do vestibular eu também larguei, foi algo que eu deixei de lado, me fez mal largar o esporte.” [Joana, 19].*

A autonomia do manejo de tempo proporcionado pela universidade, conforme é observável na fala da discente, contribui para retomada de atividades e descoberta de ambientes, que são eventos típicos da adultez emergente nos quais não eram proporcionados à estudante na época do ensino médio. Segundo o estudo de Correa e Dias (2023), além dos





benefícios físicos e psicológicos, os esportes, em especial, podem auxiliar no desenvolvimento de diferentes competências de vida, e no caso de Joana, agrega em questões da exploração de diferentes ciclos sociais e identitárias pessoais.

### **Perspectivas das relações interpessoais**

Com a entrada na universidade, uma das principais mudanças que o indivíduo enfrenta é a convivência com um novo ciclo social diário, e levando em consideração a recém saída da escola, a alteração de condutas nas relações familiares que vai se aprimorando gradativamente de acordo com que o jovem busca sua independência. Segundo o estudo de Domith e Reis (2021), a família se apresenta como importante no contexto de vida, o qual necessita modificar-se para atender às demandas dos(as) filhos(as) no processo de desenvolvimento do self, bem como as especificidades de cada período na relação entre pais e filhos(as).

Segue na narrativa de uma das entrevistadas sua percepção acerca das diferenças referente a forma que seus pais a tratavam na escola e agora no ensino superior:

*“acho que o principal foi a questão da independência porque na escola, ao menos nessa situação, meu pai me levava e eu voltava de carona, e sempre era horários certinhos com pessoas específicas pra me buscar, ainda mais porque meus pais são muito protetores então eu tinha essa coisa muito específica de certos horário e não desviar daquilo. E já na faculdade eu vou no meus horários eu faço meus horários eu não fico mais me justificando pros meus pais eu só falo: oh to saindo de casa to indo ali. Acho que essa é a principal diferença mesmo [Joana, 19]. Quando questionada ainda se essa mudança ocorreu logo após seu ingresso, respondeu: “Assim que eu entrei não, teve aquele processo de mudança de se adaptar de meus pais passarem a confiar mais em mim (...) para eles poderem ver que tipo ela tá amadurecendo ela tá criando, trilhando seus próprios caminhos, então acho que foi isso.” [Joana, 19].*

Na pesquisa de Freire (2018), é comentado acerca de que o marcador de maior impacto que efetivamente marca a passagem do jovem para a maturidade está na independência e



maturidade emocional, cujos principais objetivos são: ter uma relação “igual” para “igual” com os pais. Sendo a adultez emergente um período assinalado por essa busca por independência, constata-se na fala da jovem a essencialidade que a entrada no ensino superior traz para esse processo, tendo em vista que a mesma representa o início da vida adulta para muitos, cooperando para maior flexibilidade e adaptação na relação entre pais e filhos.

No estudo de Dazzani e Marsico (2022) é colocado em pauta que principalmente em momentos de transição na vida, como na adultez emergente, por exemplo, é fundamental ter uma rede de relações que funcione como fator protetivo para a saúde mental das pessoas. Na escola, o indivíduo se encontra em um ambiente no qual convive praticamente de forma obrigatória com pessoas de interesses diversos, além de que, a depender da metodologia da escola, precisa lidar com um sistema hierarquizado com menor valorização do indivíduo como pessoa ou seus interesses.

Durante a entrevista, adentrando no tópico de relações, obteve-se o seguinte comentário quanto a um comparativo entre a escola e a universidade:

*“Era assim, era muito regrado, muito mais fechado... a hierarquia era muito valorizada (...) E aqui não. Assim, claro que tem a questão do respeito do aluno em relação aos superiores, e tudo mais, mas aqui a gente tem uma proximidade maior, né (...) mas existe um acolhimento maior do que eu sentia da escola. Na escola, não sentia acolhimento nenhum, com raras exceções.” [Márcia, 18].*

Uma diferença relevante ao adentrar em um curso de ensino superior, seria que há a possibilidade do jovem adulto se deparar e escolher se relacionar com pessoas com interesses mais próximos aos seus, e que também passam por adversidades e sucessos acadêmicos semelhantes. Através da fala de Márcia, é concebível supor que a sensação de acolhimento surge justamente por essa identificação compartilhada, conforme também é possível visualizar na seguinte fala:

*“aqui dentro eu me sinto mais acolhida, me sinto mais confortável, coisas que eu não me sentia na escola, não me sentia confortável. Eu tinha minhas amigadas e tudo mais, meu ciclo era até maior do que é*



*aqui. Mas a sensação de pertencimento que eu sinto aqui é muito maior.*”[Márcia, 18].

Dazzani e Marsico (2022) propõe que as relações interpessoais participam do processo de construção da imagem sobre si, expresso nos diversos signos na relação constituída entre a cultura pessoal do indivíduo e a cultura coletiva de seu contexto social. Ainda de acordo com os mesmos autores, o apoio social é um fator de proteção para a saúde mental, diminuindo a incidência dos sintomas de diversos transtornos mentais e do estresse cotidiano. Portanto, verifica-se também através desses pressupostos e das falas da discente o destaque que essa mudança de ciclos sociais possui quanto ao desenvolvimento dos sentimentos de pertencimento e acolhimento que se dá por essa identificação coletiva dos que participam do meio acadêmico de determinado curso.

### **Perspectivas da identificação pessoal**

Durante a transição para a vida adulta, o jovem tem uma certa liberdade para ensaiar papéis e valores, profissões e relacionamentos, antes de assumir compromissos e responsabilidades para a vida futura, que o transformariam num adulto (Brandão, 2012). É notória o desenvolvimento da autonomia na tomada de decisões, no descobrimento de habilidades pessoais, na regulação emocional e no autoconhecimento. A autonomia implica o dever de respeitar a capacidade de decisão e envolve dois aspectos que se complementam na íntegra, designadamente o reconhecimento da capacidade da pessoa para tomar as suas próprias decisões, baseadas nos seus valores pessoais e crenças; e a promoção de condições, nomeadamente de intervenções em saúde, que favoreçam o exercício dessa autonomia (Dzeng, 2019; Lima, 2020).

Nas seguintes narrativas, identifica-se as percepções sobre a autonomia das entrevistadas:

*“a minha mãe não interfere nas minhas questões acadêmicas, agora na faculdade, só eu. Então eu que decido os projetos que vou participar, é... os eventos que eu vou frequentar, se eu vou para aula ou não.”* [Marcia, 18].



*“Isso foi algo diferencial pra mim porque como eu disse antes meus pais são muitos controladores, então eu sempre queria essa liberdade queria que eles confiassem em mim, então a faculdade ajudou nisso deles passarem já, me deixar de ver como uma criança e me tratar mais como uma jovem adulta. De entender que eu tenho gostos, minha privacidade, que eu tenho opiniões que eu quero fazer as coisas que eu quero, que eu quero trabalhar, essas coisas.” [Joana, 19].*

Atesta-se que adultos emergentes são indivíduos centrados em si próprios, livres para explorar e realizar escolhas independentes e investidos em compreender qual é o seu lugar no mundo e os objectivos que pretendem atingir (Arnett, 2006; Brandão, 2012).

Arnett afirma, como constatado por muitas pesquisas, que a definição do estatuto de adulto parece reportar-se, cada vez mais, à aquisição de aspectos psicológicos (capacidade de aceitar responsabilidade por si próprio, tomar decisões e tornar-se financeiramente independente) e menos de carácter sociológico (como aspectos socio-demográficos, de responsabilidade familiar, transições legais/cronológicas ou de papel) (Arnett, 2001; Facio & Miccoci, 2003; Shulman & Ben-Artzi, 2003; Mendonça, 2007; Petrogiannis, 2011; Brandão, 2012). Porém, apesar de toda essa liberdade nesses aspectos, não é suficiente para conclusão da transição para vida adulta, dando abertura a mais questionamentos do que respostas.

*“Quando se é adulto, você precisa ser mais assertivo nas coisas, você precisa ser mais objetivo e dizer ali o que você pensa e o que você quer, sem ficar pensando tipo: ah, o que vou pensar. (...) Eu penso nisso como uma coisa que ainda me faz me enxergar como adolescente. Essa falta de assertividade dos meus discursos, das minhas opiniões, das minhas vontades.” [Márcia, 18].*

A narrativa afirma um conflito de identidade sobre si, está presente a manifestação de um sentimento subjetivo de não se sentir nem adolescente nem adulto, sendo que na esfera social existem significados ambíguos e indefinidos associados a este período (Brandão, 2012), também observada na narrativa da segunda entrevistada.



*“Não, na minha cabeça eu não sou adulta. [você é o que então?] uma jovem adulta, uma jovem que está virando adulta. Porque é muito diferente, eu sinto que ao mesmo tempo que eu tenho uma liberdade eu sinto que ainda não é a independência, tipo eu venho tentando ter essa independência, mas a gente sabe que é passo de formigas porque a gente tá entrando agora no mercado de trabalho por exemplo.”[Joana, 19].*

Nas narrativas, é considerável que a dependência de responsáveis e a falta de empregabilidade são destacadas como indicadores para a permanência na adolescência: *“Então, é uma pergunta complicada porque perante a lei eu sou adulta. Mas eu ainda me sinto uma adolescente porque eu ainda sinto que sou dependente da minha mãe, principalmente, porque eu moro com ela. E eu não trabalho e eu acho que se eu trabalhasse eu ia sentir uma carga maior de coisas sim, mas eu acho que eu ia me sentir um pouco menos dependente, talvez eu me sentisse mais adulta. (...) Eu to tão acostumada que outras pessoas resolvam as coisas de adulto, que eu fico ali fazendo o que eu tenho que fazer e não necessariamente vivendo a vida de um adulto. Às vezes eu me sinto meio estranha porque eu penso que outras pessoas da minha idade já fazem muito mais coisas, e eu to aqui. Presa nesse... ainda to na adolescência.” [Marcia, 18].*

A experiência da adultez emergente também se associa à postergação da assunção de responsabilidades financeiras e comprometimento com carreiras (Froeseler, 2019), além da saída da casa dos pais.

Durante as narrativas, é perceptível que o curso em que estão inseridas impacta a experimentação de interesses acadêmicos e profissionais:

*“Eu acredito que estar aqui, cursando Psicologia, me ajuda também a enxergar as coisas sobre os outros sob outros vieses, a compreender melhor, a observar mais as coisas que acontecem ao meu redor, a aprender das pessoas ao meu redor, e me compreender também. Tentar fazer, tentar entender porque que eu ajo dessa forma, e que fulano acha*



*daquela forma e que é eu faço isso ao invés de fazer aquilo. Tem me ajudado a pensar sobre isso.” [Marcia, 18].*

A testagem dos interesses voltados às temáticas acadêmicas e profissionais está presente na adulez emergente à medida que a estudante está descobrindo suas percepções de carreira.

Além disso, a adulez emergente propõe como característica a busca do jovem por sua identidade para si e para os outros. Encontra-se essa caracterização em uma das narrativas:

*“eu sou muito preocupada com a imagem que eu passo para os professores, com as minhas notas, sempre fui uma aluna muito certinha. então eu fiquei muito preocupada isso foi meu maior medo quando eu entrei no terceiro período porque eu fiquei com muito medo de passar uma imagem de aluno não legal, sei lá eu queria que os professores me reconhecessem tipo pó ela é um aluno legal e tal.” [Joana, 19].*

No estudo de Freire (2018), seus resultados indicaram que a maturidade está na independência e maturidade emocional e que, efetivamente, existe um prolongamento da transição da adolescência para a vida adulta, ocasionando reflexos na inserção do mercado do trabalho e na consolidação de carreiras. Observa-se que seus resultados corroboram com as compreensões da adulez emergente estiveram presentes nas vivências narradas pelas entrevistadas.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com a análise e discussão dos resultados obtidos, observou-se que as entrevistadas possuem certa percepção quanto às mudanças que ocorrem de acordo com que se inserem cada vez no mundo adulto através do ambiente universitário, conseguindo estabelecer uma comparação de suas vivências escolares com as do ensino superior. Destacou-se, em suas falas os primeiros passos rumo a independência, a importância da construção de autonomia, que além da constante interação com novos espaços, relações e conflitos identitários quanto a adulez, são tópicos continuamente levantados ao se debater sobre a adulez emergente.

Não foram identificados nos discursos sentimentos de imposição por parte de terceiros ou angústia quanto a pressões sociais com a inserção no meio acadêmico conforme havia sido





articulado inicialmente, entretanto verificou-se a necessidade de adaptação por uma rotina mais independente na vida pessoal e na universidade objetivando maior exploração das possibilidades que a universidade proporciona para as estudantes. Outro fator evidenciado foram as inseguranças quanto a se nomear como adulto, apresentando conflitos de identidade quanto a fase de desenvolvimento que se encontram, considerando questões como com quem residem e reflexões acerca de si mesmas.

Pesquisas relacionadas a adulez emergente no contexto universitário brasileiro ainda não atingiram maior nível de relevância no país, possivelmente por alguns outros estudos abordarem que essa etapa é pouco explorada pela população jovem do Brasil devido a demanda de pulá-la frente a sua realidade social e financeira, e é investigado menos ainda quando se trata de vivências femininas nesse meio. Entretanto, com a crescente valorização do ensino superior e as contínuas transformações que perpassam a sociedade do país atualmente, se torna fundamental colocar cada vez mais em pauta a temática da adulez, principalmente ao se considerar o aumento da inserção das mulheres no mercado de trabalho, carregado de oportunidades para exploração identitária profissional e pessoal, conforme citado pelas estudantes no decorrer do estudo.

## REFERÊNCIAS

ARNETT J. J.. *Conceptions of the transition to adulthood: Perspectives from adolescence through midlife*. *Journal of Adult Development*, 8(2), 133-143, 2001.

ARNETT, J. J. Emerging adulthood: *Understanding the new way of coming of age*. In J. J. Arnett & J. L. Tanner (Eds.), *Emerging adults in America: Coming of age in the 21st century*. Washington, DC: American Psychological Association, p. 3-19, 2006.

BRAGA, Isadora Rodrigues et al. Como mitigar impactos psicológicos no contexto pré-vestibular? Um estudo na EEMTI Padre José Alves de Macêdo. *Revista Encontros Científicos UniVS* | ISSN: 2595-959X|, v. 6, n. 1, 2024.

BRANDÃO, T., Saraiva, L., & Matos, P. M.. O prolongamento da transição para a idade adulta e o conceito de Adulez emergente: Especificidades do contexto português e brasileiro. *Análise Psicológica*, 10(3), p. 301-313, 2012.

BRAUN, V.; CLARKE, V. *Evaluating and reviewing TA research: A checklist for editors and reviewers*. Auckland: The University of Auckland, 2017.



CORREA, Mikael Almeida; DIAS, Ana Cristina Garcia. “Ajuda a Não Ficar Louco”: Estudo Qualitativo Sobre a Prática de Esportes na Integração Acadêmica. *Estud. pesqui. psicol.*, Rio de Janeiro, v. 23, n. 2, p. 566-585, maio 2023. Disponível em <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1808-42812023000200566&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-42812023000200566&lng=pt&nrm=iso)>. acessos em 09 jun. 2024. Epub 03-Maio-2024. <https://doi.org/10.12957/epp.2023.77699>.

DAZZANI, Virgínia; MARSICO, Giuseppina. Desigualdade social, adulez emergente e saúde mental: uma análise a partir de um caso clínico atendido em um projeto de acolhimento psicológico. *Revista Brasileira de Psicoterapia*, v. 24, n. 3, 2022.

DIAS, Ana Cristina Garcia et al. Dificuldades percebidas na transição para a universidade. *Rev. bras. orientac. prof.*, Florianópolis, v. 20, n. 1, p. 19-30, jun. 2019. Disponível em <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1679-33902019000100003&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-33902019000100003&lng=pt&nrm=iso)>. acessos em 08 jun. 2024. <https://doi.org/10.26707/1984-7270/2019v20n1p19>.

DZENG, E.. *Habermasian communication pathologies in do-notresuscitate discussions at the end of life: Manipulation as an unintended consequence of an ideology of patient autonomy. Sociol Health Illn*, 41(2), p. 325-342, 2019. Acesso em: <https://doi.org/10.1111/1467-9566.12825>

FACIO, A., & Micocci, F.. *Emerging adulthood in Argentina. New Directions for Child and Adolescent Development*, 100, p. 21-31, 2003.

FELINTO, Tuíla Maciel et al. Eventos de vida e Construção da Identidade na Adulez Emergente. *Estud. pesqui. psicol.*, Rio de Janeiro, v. 20, n. 2, p. 500-518, ago. 2020. Disponível em <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1808-42812020000200007&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-42812020000200007&lng=pt&nrm=iso)>. acessos em 07 jun. 2024. <https://doi.org/10.12957/epp.2020.52582>.

FREIRE, Denilson Aparecida Leite. Análise dos Marcadores de Adulez em Jovens Brasileiros: Reflexões. *Interfaces Científicas - Humanas e Sociais, [S. l.]*, v. 7, n. 2, p. 21–30, 2018. DOI: 10.17564/2316-3801.2018v7n2p21-30. Disponível em: <https://periodicos.set.edu.br/humanas/article/view/4220>. Acesso em: 7 jun. 2024.

LEME, V. B. R. et al.. Preditores das Crenças de Autoeficácia de Jovens Frente aos Papéis de Adulto. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, v. 37, p. e373513, 2021.



LIMA, Andreia Maria Novo et al. O conceito multidimensional de autonomia: uma análise conceptual recorrendo a uma *scoping review*. *Revista de Enfermagem Referência*, n. 7, p. e20113, 2021.

MENDONÇA, A. M. M. C. et al.. Perspectiva dos Discentes de Medicina de uma Universidade Pública sobre Saúde e Qualidade de Vida. *Revista Brasileira de Educação Médica*, v. 43, n. 1, p. 228–235, 2019.

MENDONÇA, M.. Processo de transição e percepção de adultez: Análise diferencial dos marcadores identitários em jovens. Dissertação de mestrado não publicada, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto, Portugal, 2007.

MUNIZ, Gustavo de Barros Araújo; GARRIDO, Edleusa Nery. Mudanças de hábitos e saúde dos estudantes após ingresso na universidade. *Revista Psicologia, Diversidade e Saúde*, Salvador, Brasil, v. 10, n. 2, p. 235–245, 2021. DOI: 10.17267/2317-3394rpds.v10i2.3443. Disponível em: <https://journals.bahiana.edu.br/index.php/psicologia/article/view/3443>. Acesso em: 8 jun. 2024.

PETROGIANNIS, K.. *Conceptions of the transition to adulthood in a sample of Greek higher education students. International Journal of Psychology and Psychological Therapy*, 11(1), p. 121-137, 2011.

ROSENDO, L. DOS S. et al.. Relação entre Perfil, Hábitos, Vivências Acadêmicas e Resiliência de Universitários. *Psicologia: Ciência e Profissão*, v. 42, p. e242788, 2022.

RUBIO-JIMÉNEZ, Jesús; GONZÁLEZ, María-Fernanda. *Proyectando el futuro: Un estudio sobre toma de decisiones vocacionales desde un enfoque narrativo autobiográfico*. In: *Forum Qualitative Sozialforschung/Forum: Qualitative Social Research*. DEU, 2018.

SHULMAN, S., & BEN-ARTZI, E.. *Age-related differences in the transition from adolescence and links with family relationships. Journal of Adult Development*, 10(4), p. 217-225, 2003

SOUZA, Luciana Karine de. Pesquisa com análise qualitativa de dados: conhecendo a Análise Temática. *Arq. bras. psicol.*, Rio de Janeiro, v. 71, n. 2, p. 51-67, 2019. Disponível em <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1809-52672019000200005&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-52672019000200005&lng=pt&nrm=iso)>.

SOUZA, Solange de; HEIN, Adriana Kroenke. MULHERES DOCENTES NO ENSINO SUPERIOR: DESAFIOS E SUPERAÇÕES. *RCMOS - Revista Científica Multidisciplinar O Saber*, Brasil, v. 1, n. 3, p. 165–177, 2024. DOI: 10.51473/rcmos.v1i3.2021.47. Disponível em:



<https://submissoesrevistacientificaosaber.com/index.php/rcmos/article/view/47>. Acesso em: 10 jun. 2024.

### **Agradecimentos:**

O presente trabalho foi realizado com apoio: do Programa Nacional de Cooperação Acadêmica na Amazônia – PROCAD/ Amazônia, da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES/Brasil e da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas FAPEAM – EDITAL Nº 005/2022 - HUMANITAS – CT&I FAPEAM pelo projeto: “Itinerários e condições de desenvolvimento de jovens estudantes do ensino superior: desafios para a permanência”.

### **AUTORIA:**

#### **Isabele Menezes Gonçalves**

Graduanda em Psicologia pela Universidade Federal do Amazonas (UFAM). Estagiou na Defensoria Pública do Estado do Amazonas no setor de Consulta Processual. Possui interesse em Psicologia Jurídica e Psicologia Social.

Instituição: Universidade Federal do Amazonas (UFAM)

Email: [isabelemgoncalves@gmail.com](mailto:isabelemgoncalves@gmail.com)

Orcid: <https://orcid.org/0009-0006-2873-6847>

País: Brasil

#### **Gabriela Oliveira Cattebeke**

Graduanda em Psicologia pela Universidade Federal do Amazonas (UFAM). Estagiou na Defensoria Pública do Estado do Amazonas no setor Cível, Criminal e Especializadas; na Proneuro e no Projeto de Extensão Super (Samsung/UFAM). Possui interesse em Avaliação Psicológica, Psicologia Jurídica e Social.

Instituição: Universidade Federal do Amazonas (UFAM)

Email: [gabriela.cattebeke@ufam.edu.br](mailto:gabriela.cattebeke@ufam.edu.br)

Orcid: <https://orcid.org/0009-0004-2575-9053>

País: Brasil

#### **Gisele Cristina Resende**

Pós-doutorado em Psicologia pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Desenvolvimento e Escolar pela Universidade de Brasília (UnB), Doutorado em Psicologia pela Universidade de São Paulo (USP). Docente na Faculdade de Psicologia e interesse na área de Orientação Profissional e de Carreira e Avaliação Psicológica.

Instituição: Faculdade de Psicologia - Programa de Pós-Graduação em Psicologia - Universidade Federal do Amazonas - UFAM

E-mail: [giseleresende@ufam.edu.br](mailto:giseleresende@ufam.edu.br)

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6898-0995>

País: Brasil